

Espontaneidade, envolvimento e imprevisibilidade na dança contemporânea

Dora de Andrade Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: dança - arte/vida – processos de criação

Introdução

O panorama atual da dança contemporânea apresenta uma forte tendência a produções de caráter experimental que combinam uma valorização do contexto a uma linguagem essencialmente híbrida. Mais que um processo de mera experimentação, essas obras apresentam construções que transpõem os limites convencionais de atuação cênica, articulando arte e vida. Aspectos como interação, proximidade, diálogo entre linguagens, encenação, realidade, entre outros, aparecem como um campo de convergência de propostas em dança na contemporaneidade.

Através desses modos de significar, essas obras questionam conceitos em arte como autoria, disciplina, espetáculo, corpo e cena, e demonstram muitas vezes o compromisso em ampliar a compreensão do que pode vir a ser dança. Dentro desta tendência, aspectos como espontaneidade, envolvimento e imprevisibilidade ganham proeminência nos processos de criação e recepção dessas propostas.

Para tratar dessas questões que tocam os processos de criação em dança e o pensar sobre as recepções da obra, trazemos o trabalho *Lembrete*, desenvolvido com Anik Meijer-Werner, Camila Fersi, Carla Stank e Daniel Ruiz, integrantes do *Acaso um grupo?*ⁱ.

Os trabalhos desenvolvidos por este coletivo são elaborados através de processos onde a interação entre diferentes linguagens artísticas é utilizada na construção da cena. Busca-se o contato dessas linguagens com referências produzidas pelo cotidiano (experiências pessoais, cenas de filmes, ícones da cultura de massa, artigos científicos, relatos históricos e antropológicos) no sentido de ampliar as possibilidades conceituais e interpretativas da obra.

No espetáculo de dança *Lembrete*, foram utilizadas diferentes linguagens, como o vídeo, a música e as artes plásticas, em relação com a dança, para tratar da memória e seus processos. A memória como fator de identidade, do presente, cotidiana; a necessidade do esquecimento e da produção de memória foram investigadas, revelando suas implicações históricas, políticas e sociais ao explorar em cena imagens e questões associadas ao tema. O trabalho é ainda constituído por jogos e exercícios de memória requisitando do bailarino um estado de atenção e memorização ao vivo, estimulando sua capacidade de reação espontânea em cena.

Durante o processo do trabalho, nos defrontamos com questões sobre a relação do conteúdo e funcionamento das cenas com as possíveis interpretações e recepções que poderiam gerar. Isso nos levava a pensar sobre essa conexão com o público, a qual acreditamos que deve ser levada em conta

ao compor uma obra, e que nos fazia refletir sobre o que de fato deve estar entre a matéria criada e sua forma de recepção.

Espontaneidade, envolvimento, imprevisibilidade: a construção de uma poética

A começar pelos jogos que levamos à cena, durante o processo foram levantadas diversas discussões sobre o que era proposto, sua correspondência ao que era objetivado enquanto ação e seu apelo cênico. O pretendido com os jogos, que trabalhavam diversos mecanismos da memória, era a espontaneidade das ações, assim como seu significado estético. Porém, com o tempo, em determinados jogos as reações e movimentos vinham se automatizando pelos intérpretes terem experimentado repetidas vezes aquelas propostas e conhecerem com bastante intimidade seus caminhos.

Em várias cenas discutimos exaustivamente a estrutura dos jogos que propúnhamos e sua conseqüente configuração. A princípio pensávamos na proposta do jogo, sua abordagem e o que traria como ação na construção do sentido de memória e seus mecanismos. Por se tratarem de dinâmicas que requisitavam o estado de atenção dos indivíduos, havia o compromisso das regras provocarem reações e respostas de forma viva. Porém muitas vezes nos deparamos com estruturas que funcionavam bem neste sentido, mas cuja configuração cênica não se mostrava ainda resolvida. Então, como resolver o impasse? A espontaneidade, a abordagem fiel ao tema e a tentativa de aproximar o olhar do público pela verdade da cena não seriam suficientes?

Esta era uma questão que se colocava quanto à necessidade que a obra traz para representar seus conteúdos, e o que se exige para que estes sejam realizados de forma poética. Podemos colocar a vida em cena por si só, sendo fiéis ao que nos propusemos tratar, ou há a necessidade de sua estetização, de dar um melhor “acabamento” de maneira que a obra se torne “mais interessante”?

Chegamos assim ao ponto de estabelecer regras para o jogo que fossem funcionais e concomitantemente cênicas, acreditando que para realmente atingir o público seria necessário o envolvimento, o estado de participação que se dá pelo “apelo estético da cena”.

Alguns coreógrafos contemporâneos vêm se interessando por uma imagem anti-virtuosa do corpo ao explorá-lo de forma quase anatômica, propondo-o como território de experimentos e exploração. A este não cabe necessariamente um envolvimento emocional, mas apenas o papel de observador em uma dança sem clímax. (SCHLINCHER, 2001: 31)

Acreditamos que este não envolvimento propõe um outro estado do espectador que é necessário à concretização da proposta dessas obras. Muitas vezes sem fazer uso de recursos cênicos, como iluminação, figurinos, cenários ou cortinas, e sem pretender nenhuma associação emocional ou teatral, o formato desses trabalhos responde de maneira direta ao argumento da obra ao deslocar um entendimento comum de dança e cena.

No espetáculo *Lembrete*, procurávamos avaliar se este estado de observação do espectador seria suficiente e também interessante para o trabalho ser recebido. Como já mencionado, os

conteúdos que tratávamos acessavam espontaneamente a memória emotiva, esquecimentos e lembranças que podem perpassar os indivíduos. A forma como os bailarinos e indiretamente o público eram requisitados em suas lembranças, assim como uma abordagem metafórica de uma memória coletiva brasileira, faziam com que o envolvimento do espectador fosse absolutamente necessário para o trabalho. Acessar esses níveis pessoais e coletivos da lembrança exigia do público a pré-disposição para um mergulho, e tal entrega teria de acontecer também pelos caminhos que criaríamos na obra.

Dessa perspectiva surgiu a necessidade dos jogos e outras cenas cumprirem também o papel de aproximação com o público, funcionando como dinâmicas cênicas que convidassem o olhar do espectador. Isso nos levou a um processo de repensar alguns quadros não apenas tentando torná-los mais “interessantes”, mas pensando a forma adequada para que os próprios jogos realçassem suas características enquanto prática criativa e desafiadora, e assim mobilizar sensações. Neste sentido trabalhamos as tensões e estados de risco que esses jogos continham, assim como suas possibilidades plásticas, tornando o público participante pelos esforços dos bailarinos. O sensível do espectador se faria presente por meio dos estados surgidos em cena, pelo desafio e conseqüentes arranjos que se construíam de maneira poética nos corpos dos intérpretes.

Patrice Pavis afirma que a recepção do movimento dançado pelo espectador é uma resposta cinestésica ao dançarino, citando John Martin:

Todo movimento, por mais distante que esteja da experiência normal, dá ainda uma impressão que está ligada à experiência normal. Há uma resposta cinestésica no corpo do espectador que reproduz nele em parte a experiência do dançarino; se o dançarino executa um movimento sem a motivação da necessidade interna, o espectador não experimentará nenhuma resposta interna. (PAVIS, 2003: 93)

No processo de criação de *Lembrete* os caminhos foram estabelecidos pela própria obra, não cabendo a nós o intuito de apontar determinadas interpretações. Ao contrário, chegamos a descartar certas formas de aproximação do tema que ao final reapontou pelos rumos tomados pelo próprio trabalho.

Essa certa autonomia da obra e também a imprevisibilidade do processo foi percebida já no começo do trabalho. O próprio tema foi se definindo ao longo de uma série de experimentações, que com o tempo apontaram para o que seria o foco da pesquisa coreográfica. A exploração dos lembretes de papel como elemento cênico, e as possibilidades de interação com estes objetos, foram apresentando os conteúdos da matéria que trataríamos, a qual inicialmente não havíamos nos direcionado. Assim, o sentido da lembrança e da memória foi se estabelecendo através dessa investigação que nos fez enxergar uma linha de abordagem. A isto chegamos pelo traçado que a própria obra cria, pelas portas que convida a serem abertas e suas sugestões de percurso.

Todas essas questões, que atravessaram o trabalho ao longo de seu desenvolvimento, acreditamos apontar para as singularidades do processo vivido, porém também nos colocaram diante de reflexões que tocam todo um fazer contemporâneo em dança que nesta pesquisa procuramos discutir. As intervenções dessa arte que busca diálogo num mundo multifacetado encontram desafios e soluções que definem o traçado de suas propostas. O pensar sobre as recepções vindo do ponto de

vista do artista nos parece relevante para acessar conteúdos fundamentais nesse trânsito entre arte e vida.

Referências bibliográficas:

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DANTAS, Monica. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SCHLINCHER, Susanne. O Corpo Conceitual: tendências performáticas na Dança Contemporânea. *Repertório Teatro & Dança*, Salvador, ano 4, n° 5, p. 30 - 36, 2001.

ⁱ *Acaso um grupo?* é um coletivo de artistas vindos de diferentes linguagens, que visam a colaborar entre si na realização de projetos em diversos formatos (performances, espetáculos, instalações, vídeos, etc.)